

A PRESENÇA DE FERNANDO PESSOA

Nubia N. Marques
Universidade Federal de Sergipe
Lisboa, inverno de 1979

O Tejo corre célere aos meus pés. Não sou mais nem menor do que ele, mas foi nele que senti a profunda e terna presença de Fernando Pessoa, nos limites do rio que tem a história da expansão náutica dos portugueses, em memórias e glórias enaltecidas. "A Europa jaz, posta nos cotovelos/De Oriente a Ocidente jaz, fitando"/Este Tejo, que tenho no nervo central dos meus cabelos, derrama às suas margens que espiam seu rumo, com olhos perscrutadores e abandonadamente extasiados. "O rosto com que vira, é Portugal" e minha alma contrita e de atenta busca encanta a atmosfera que preenche todos os quadrantes desta tarde. "Se a alma que sente e faz conhece/Memórias em nós do instinto teu". Minhas buscas quilométricas em Atlântico esparramado, traz-me, como fatídica caminhada, ao parapeito de suas margens, à cata do mundo mágico e milimetrado do afeto e do efeito de Fernando Pessoa em mim, desmembrada e louca. A loucura tem o passo no encanto que Pessoa mantém entre o espaço do seu desespero contido na Lisboa que encontro. Luz cinza cerca de penumbras o Tejo, meu mapa exato. Com os pés plantados acerco-me. A bruma do inverno, que agoniza, dá o tom prateado do nosso contacto PESSOA-EU-PESSOA feito de encantos e feitiços para a mão e o abraço. Meu destino de mágica cigana me trouxe inteira ao encontro de Fernando Pessoa, desde longo desejado. "É eterno Infante". É minha infância. É o estar aqui célula a célula na vigilante lem-

Letras de Hoje 19(2): 123-133, jun. 1986.

brança do corpo a corpo místico, nas águas do Tejo que é Rio-Pessoa, para mim o balanço do berço-mar-ondas de longínquo atavismo. "O enigma que havia em teu seio" ainda é o que me arrebatava hoje. Fernando Pessoa olhou e sentiu fundamente este rio. Que dores ou flores rondavam teu coração? O alento e desencanto passeiam em nossos sentimentos aqui agora. Tu feito de sonhos, eu perdida no encontro que se me afigura destinação. Vim a Lisboa para ver o Tejo. O teu Tejo, meu Tejo. Somos feitos da mesma simbiose cultural. As mesmas inquietações nos sobram neste entardecer moldado pela tua mão de nuvens, baixando aos poucos na tarde fria. "O Homem e as horas são uma só" e a hora que sonhei é cheia de ti: nada tenho a temer. Somos um só corpo, o relógio, o tempo temperado pelas nossas pulsações. Tim tum, Tim tum. Tu és tênue e solto no espaço invisível que perscruto com o olho do coração, ponteiro do encontro e encanto. Somos uma massa corpórea zumbindo no ser suspenso no ar. Aos teus pés levitam esferas circunscritas de vida, sujeitas ao relógio e ao alimento cotidiano, nem por isto menos ligado ao Rio que foi e é Fernando Pessoa. Nos barcos, o próximo rumo. O teu Tejo o meu Tejo (rio Sergipe) onde "as lavadeiras não estão à sua beira", mas em que barcos preguiçosos e lentos passeiam direcionados pelas velas alvas perdidas, distantes. Neste momento sou ungida e sacramentada pela tua encantação de poeta: — limite da poesia total. "Outros haverão de ter/o que houvermos de perder/outros poderão achar". Aqui e agora beijando o halo quase exotérico de suas águas, nem perco nem ganho, sou. "Ninguém conhece a alma que tem", mas diante do Tejo de Pessoa eu sei quase que definitivamente, categoricamente e inarredavelmente minha alma sempre esteve mergulhada nas águas desde a minha infância cronológica até a minha infância perplexa, suspensa no tempo mágico cronometrado. "Vinde aqui todos os que sois, sabendo o bem, sabendo o mal Poetas, ou Santos ou Heróis de Portugal". Nem a lúcida certeza do bem, nem do mal, saber do ódio, seus mitos ou as místicas virtudes soçobram alentadas no meu peito que sorve os ares lisboetas do Tejo. Sou a Santa ou o Demônio, o herói derrotado, despojados das minhas casas de papel. Sinto o que vem, o que vai, de mim e de todos os que passam distraídos em suas

margens. Minha supersensibilidade percebe o sorriso preso no peito ou a dor diluída nos olhares tristes. O Tejo para os portugueses distraídos é o RIO-QUE-PASSA, para mim que o sabia dentro da utópica visão das fantasias poéticas, embaladas pelo poeta Fernando Pessoa, o Tejo é o Rio: recriado, reinventado, pelo fio da lembrança, no seu mais secreto encantamento. Fio prumo de um edifício que se constrói entre os abismos do Atlântico e a mais rasa praia que se nos dá aos pés. Firme, cheia desta viagem transcontinental que me traz aqui para o encontro com o amante de todas as horas e das minhas eróticas fantasmagorias. Rasgo com me passo o balaústre circundante de suas margens. A paisagem me é familiar, desde o sonho no Brasil, até agora, na pálida tarde, sombrio porto de onde partiram os portugueses para outro mundo. O Rio Tejo: de Pessoa é o estar sob a referência — infância-atmosfera inexplicável em mim sem sabedoria, mergulhada na ingenuidade. *“Lembra-me a minha infância, naquele dia/Em que eu brincava ao pé de um muro de quintal”*. A viagem é exata e, neste momento, adentra nos meus abismos. Sinto a presença absoluta de Fernando Pessoa, diante das suas perplexidades, as mesmas sentidas por mim, agora e sempre. Como andei para chegar até aqui, não foi uma viagem apenas de avião sobre o Atlântico, mas a da vida, a cartada que se joga para vencer. Entro na atmosfera fernandiana e o assombro me extasia ao ver naus e mais naus buscando o ignorado, há quinhentos anos. . . Um canto de ave, um vôo de gaivota e um leve pássaro sacodem minha alma numa inexorável viuvez. A canção encadeada e encatatória vem de tudo que Fernando Pessoa me contou. Súbito explode imprevisível e nostálgica alegria. Fernando Pessoa, de que é feito o teu medo e a tua solidão que me visitam sutilmente à beira do teu Rio e do meu Tejo? Sou dona desta paisagem, sou filha, sou mãe, sou, dentro das vagas ondas que me fazem sentir mãe-d’água, ninfa e a deserdada dos céus, a preferida no Olimpo! Sei, estou louca — ninguém tão narciso quanto eu. Perdoa-me, Fernando. É a tua presença que me faz assim. Sinto com todos os meus cabelos crispados, que me acompanhas nessa caminhada em frente ao Tejo. Esperei toda minha vida por este instante, tão profundo e tão fugaz. Este foi o encontro que marquei na Europa. Um mundo in-

crustado na tarde quieta e brumosa. Sou tomada por um torpor que me faz crepuscular. O sol ausente, o cinza presente, o frio a que estou pouco afeita me fazem esquiva e trêmula. Estou face a face com o Rio Tejo. O Rio Sergipe, rio limite do meu bem querer, fora dos meus dedos me antecipa fecundas imagens do refluído amor. Na recriação vivo a ansiedade dos naufragos, sem a morte nas suas águas. As núpcias das sereias. *“A alcova vaga é um vidro escuro através do qual, consciente dele, vejo essa paisagem. . . e essa paisagem conheço-a há muito e há muito que com essa mulher que desconheço erro, outra realidade, através da irrealidade”*. Esta mulher sou eu, no meu mistério de procurar-te em mil sortilégios e um silêncio cheio de medo de dizer-me amante, a sétima mulher em que me desmembrei, furtivamente, para te ser dútil. Um século não passou e isto é pouco para sermos um só, no encontro absoluto. Intuo no meu cântico que as sereias acobertarão nosso amor, no limite da vaga e do córrego que nos faz passear silenciosos em frente ao rio. São três horas da tarde, consulto o relógio. O ritual precisa acontecer para a metamorfose. Preciso ser, para sermos nesta cópula seráfica! A quietude aconchega-se aos meus passos e na minha boca sílabas penduradas, inaudíveis. *“O hábito indefinido ritmo íntimo das seivas”* silabam odes e epopéias. Nossas células feitas de arminho e teias nos envolvem estreitamente *“Desconhecíamos-nos, como se houvésemos aparecido as nossas almas depois de uma viagem através de sonhos”*. Pode ser, mas à medida que o percebo perto, intimamente, nossas verdades nos fizeram simples e puros para o conhecimento total. Há de haver o desnudamento, um a um dos nosso enigmas para sentirmos que a beleza plena não descansa nos olhos, nos lábios, no passo e no abraço, mas na verdade nutrida substancialmente em nós. As águas escapam das plantas dos meus pés e a rosa escarlate desabrocha em distantes jardins. Na Torre de Belém, no perfume desta tarde e nas raízes silenciosas das árvores o rio se transforma em *“limbo no meu corpo”*. *“Loucura de sonhos naquele silêncio alheio”*. O silêncio está em nós e eu caminho com teu coração em minhas mãos sem saber onde colocá-lo, se nas asas dos pássaros, ou se incrustá-lo no meu corpo, na expectativa de partir como pastora e peregrina *“que nunca guardou rebanhos mas que sabe tão*

bem o ruído dos chocalhos” nas pastagens do engano. Nos atalhos da predileta caminhada, mão que se avança ao espaço, ou que se faz ninho de afetos é a indicação onde os teus e os meus pés, escravos do pastoreiro traçam o rumo dos rebanhos ao entardecer. *“Sou um guardador de rebanho”* então me inclui no teu pastoreio. A tarde é plúmbea, o vento soluça velhas canções de aboio *“som familiar a minha infância”*. Todos nesta Lisboa regressam da faina diária, nós, no entanto, permanecemos imutáveis, quase estátuas do encontro cristalizado no espaço. Pensar na estátua que surge ante meus olhos, os jardins quietos da cidade indago *“Uma flor acaso tem beleza? Tem beleza acaso o fruto?”* A beleza existe fora das nossas indagações e o fruto se multiplica ante o horizonte. A existência está em nós no teu ser incorpóreo e no meu limitado. *“Nem sempre sou igual no que digo e escrevo”/Mudo, mas não mudo muito*”. Não importa ser igual, e o fato de não mudares muito. Poetas, poetas tão loucos como lúcidos, tentando sugar em tua essência os aromas perenes das flores que invento. *“Sou Argonauta das sensações verdadeiras”*. Muito mais nautas singrando os mares absolutos das descobertas. Mares para nós é rotineiro itinerário. *“O teu silêncio é uma nau com todas as velas pandas”* sentir-te é perceber além das velas alçadas no rio da minha terra, divisor comum desse encontro. *“Sabe que ser é estar em um ponto”*. Meu ponto cardeal em Lisboa é o Tejo, de doce encanto e de profundos mistérios. Falas do Tejo e eu me transformo em corrente, falas de amor e eu sou a que se dá, falas da essência das coisas e eu me objetivo, falas de teus desatinos e a longa noite de insônia despenca em mim. Não me peças que eu me vá, porque em estátua me transformarei, sem ter necessidade de ser órfica. Faz-me madona das sete luas e a borralheira da meia-noite. O encanto está na raiz dos meus cabelos mergulhados no fundo do Tejo. *“Os ciganos roubaram a minha sorte”*. Nas linhas da minha mão a cigana me disse, quando eu era menina: *“tua sorte está além deste Rio, está em outro rio, distante pra fora do Brasil”*. . . punhaladas tive em meu peito, batalhas enfrentei, caminhei nos meus silêncios, passei em cima de mim, captei os meus cuidados, fui mendiga, fui rainha, fui tudo que se pode ser, para olhar o Tejo dos teus encantos. *“Um dia faço escândalo a bordo”*. Não fiz, vim muda,

dona do meu corpo e do meu coração certa de te sentir redentor. Em nosso amor tudo flui. Pelas sete estrelas, hei de te amar, assim simplesmente, ternamente, tendo como alcova o leito deste rio. A viagem importa. *“Os navios que entram a barra/Os navios que saem dos portos/Os navios que passam ao longe”* os vislumbro na bruma destas sombras, entre o céu e a terra, entre Portugal e Brasil. Sou a minúscula mulher envolvida neste porto, como se fora uma cápsula embutida no *“Perene mistério, que atravessa como um suspiro céu e corações”*. Meu coração bate forte-fraco-fraco delimitado pelos irreprimíveis prazeres dentro das atmosferas do meu destino. Aqui estou, marquei encontro contigo. *“Quero Afogar em bulício, em luz, em vozes – “um inferno real” – este que buscamos por caminhos internos – “no labirinto de nós mesmos”*. O caminho foi longo, mas nunca enfadonho. Quando se busca a identidade, todos os caminhos são a melhor maneira de escalar o Tibet. Aqui, agora *“estamos de mãos enlaçadas”* e dos meus olhos uma lágrima cai em nossas mãos. Cristalina, salgada, com sabor de mar e de discreta alegria. *“Altivamente donos de nós mesmos”*. Esta riqueza de sermos, só o amor pode, só ele é *“uma partida ganha”*. Melhor sermos esotéricos neste encontro e nas ocultas possibilidades de nossa essência. *“E antes magnólias amo”* Mais singelos somos e nos salvamos do desespero de nunca encontrar a metade que se dilui em nós. Ocultas forças nos unem. *“Bastar-te o pouco que és”* é o limitar-se à suprema humildade de nossa contingência e superação das nossas fraquezas limitadoras. Fernando Pessoa, não é este o teu limite, nem há de ser nunca a tua memória. O Tejo é teu leito e por ele passa o transatlântico e o veleiro. Teu corpo por isto é o rumo insepulto dos viajantes.

Lisboa verão de 1982

Vagueio em frente ao Tejo pela segunda vez. Busco emoções. O sol lambe todos os cantos deste espaço. Um fulgor incandescente tinge o rio e longe, bem longe, onde o infinito se derrama, a beleza extua. *“Não quero ir onde não há luz/De sob a inútil gleba não ver nunca/As flores, nem o curso ao sol dos rios”/No-*

vamente busco-te nas águas do Tejo, nesta esfuziante manhã. Novas emoções me visitam, através da impressão vivaz de que estás aqui, Fernando Pessoa. *"Pela emoção somos nós; pela inteligência somos alheios"*. Isto me faz plena, a emoção me engole e a lágrima cristaliza-se no meu sangue e nos meus olhos. A beleza me violenta. . . A palavra morre em mim e eu estou presa a ti simbioticamente, na sensação de ter-te ao meu lado. Na minha epiderme sinto nesta segunda viagem a Lisboa geográfica e materialmente explícita, espiritualmente já fiz inúmeras viagens ao longo das águas do Tejo nas pontas dos meus cabelos que flutuaram nas suas vagas. Quantas noites adernadas em suas margens. Os meus mais profundos sentimentos penetram fundo, inexoravelmente, catalizadores na exotérica viagem pelos séculos, antes e depois da morte. Esbarro nos meus atropelos, na minha explicação e nos meus cuidados de manter um clima exuberante de um verão delimitado pela tua presença que me mobiliza astro-rei, num encontro retemperado pela duplicidade de duas visões áureo-prateadas dos teus encantos ocultos em surdina que me mantêm possuída dos teus feitiços. Minha verdade, assemelha-se à quase loucura-total plena-lúcida. *"Cada ente, visto que é, tende a sentir-se o que é mais completamente possível"*. Esta é a minha síntese existencial. A possibilidade de ser-te, sendo-me — A compreensão de incrementar-me, adernando fundo ao coração. O meu, agora; feliz e silencioso, passeia descuidado navegando o Tejo, delimitado pela luxuriante manhã cheia de sóis de ontem de hoje, de sempre. *"Do horizonte lívido"* e *"Das coisas impossíveis que procuramos em vão"*. chega-me a bela paisagem, azulíssima, pontilhada pelo intenso brilho do sol lisboeta. É a viável visão de Fernando Pessoa. *"Ó naus felizes, que do mar vago/volveis enfim ao silêncio do Porto!"* A esplendorosa manhã deste verão confunde-se no tempo e no espaço com a ousada peregrinação marinha dos portugueses. Olhando o Tejo a natureza se me afigura como cristais esparramados, limpos, faiscantes, por toda a atmosfera. O Tejo me abraça e eu me parto em cristais lantejolados e em cada fragmento a verdade interior incorruptível. *"Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma*

está em todas". A múltipla síntese das verdades tão relativas quanto totais. A face oculta do Tejo é a que se me dá e na identidade cultural me desmembro entre o reflexo de uma face do espelho que é a raiz da fadada viagem sobre as ondas do rio. A outra face é a visão panteísta do universo comandada por deuses poucos afeitos à humildade. O vértice do espelho, meu ponto de contato com a realidade, presa ao laço, no meu passo de lenta valsa, no espaço. A microdança pianíssima no encontro configurado pela semelhança-identidade me faz bailarina. Rosto a rosto, olho a olho, e na boca o beijo sideral. A mão delinea o traço para o gesto-feito. Este seria o grande encontro dos amantes. O par amoroso completando-se nas suas diferenças que o próprio espelho desnuda e aponta. A parte oculta do espelho guarda em seu corpo negro a busca sôfrega dos que se amam. Este é o bojo acolhedor e atônito dos que se querem acoplados. *"A espantosa realidade das coisas/É a minha descoberta de todos os dias/"* Vir aqui é a minha mais grata descoberta. *"E o quanto isso me basta"*. Vim colher as luzes do verão na estiagem, com os meus cuidados nos nervos eletrizados pelos ventos marinhos e pela tua presença, total — Fernando Pessoa, na profunda meditação dos meus quereres, dos meus gostares dos meus seres múltiplos e unos. O coração transplantado e translúcido no encontro-símbolo com o meu poeta redivivo na quente atmosfera que nos cerca. Fernando Pessoa, tu estás aqui e te fizeram rio e vento, sol e estrela, o amargo viver cotidiano e a mais quieta alegria. Te fizeram o louco e o bobo, te fizeram assim gigante e anão, te fizeram capaz de preencher todo o éter e a minúscula pedra deste rio. Eu te sinto total e meu corpo trêmulo agita, o ar desta manhã épica e elegíaca. Se-reias e pastores, reis e mendigos passam transparentes em nossos copos, sem nos fender no mais mínimo poro epidérmico. É o segredo dos que perscrutam fundamente no espaço aquém e além do corpo. O corpo é a passagem, o transporte, o trampolim para o passo adiante de nossos pés, agora alados e insubmissos. *"Tu és a tela irreal em que erro em cor a minha arte"*. Olhando-o, na espreita, silenciosa e atenta sou iluminada na atmosfera amarelo-incandescente. O ocaso está longe "fundiram-se na minha alma". Sendo-te, sentindo-te, o meu coração cintila na manhã. Reflores-

ço. Madrugo, enquanto o sol varre impetuosamente todos os recantos deste espaço. "Ah, se fôssemos duas figuras num longínquo vitral!... Nós somos, estamos e erramos nas margens do Tejo. "Atravessa esta paisagem o meu sonho dum porto infinito". A caminhada é longa... Coloquei meus passos nessas travessias, subornei meus desejos para alentar os caprichos do meu coração. "A tua carne calma/ Presente não tem ser" mas a sinto no pulsar ritmado do meu sangue. Sinto o Tejo, sentindo-nos "O rio que passa dura/ Nas ondas que há em passar!". . . A integração do íntimo encanto, a sensitiva perscrutação multiplica dourada de sol e calor. Das duas circunferências vitrificadas dos teus óculos a luz solar chispa atravessada por brilhos multicoloridos. Meu espírito, cercado por ventos em várias direções, vai e vem tangido pelas mãos invisíveis do estar aqui, sem comandos cibernéticos, mas pela intuição sagaz de todos os poetas, os de agora e os que se foram, solitárias estrelas nunca identificadas por astronautas ou astrônomos. Cósmica manhã extraíndo de cada instante a predestinação de um tempo antevisto nos meus sonhos, sem a exatidão dos tratados científicos, mas com a certeza que o coração nos dá precedidas por mediúnicas premonições. "Na minha aldeia corre um rio". Não precisa me dizer que é o Tejo. Sei. Ele me é o porto de embarque e desembarque desta longa viagem. O Tejo é, em tuas mãos, Fernando Pessoa, um aquário onde alimentas pequenos e coloridos peixes, indiferentes aos monstros marinhos e à imensa amplitude do Atlântico. Em cada peixe um pedaço do brilho desta manhã se cristaliza. Sou outra mulher "Nada sou, ou fui de tudo" por Fernando Pessoa pelo Tejo, amém!

BIBLIOGRAFIA

- PESSOA, Fernando Antonio Nogueira *O eu profundo e os outros eus*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
· *Poemas dramáticos*, Lisboa, Edições Ática, 1979.
· *Mensagem*, Lisboa, Edições Ática, 1979.
· *Páginas íntimas e de Auto-Interpretação*, Lisboa Edições Ática S/D.
· *Poesias*, Lisboa, Edições Ática 1950. i
· *Obras em prosa*, Rio de Janeiro, Aguilár,
· *Poesia inéditas (1919/1930)*, Lisboa, Edições Ática,
· *Poesias inéditas (1930/1935)*
- CAMPOS, Álvaro, *Poesias*, Lisboa Edições Ática – Obras Completas de Fernando Pessoa.
- CAEIRO, Alberto, *Poemas* Lisboa Edições Ática, 1979.
- NUNES, Benedito, *O ocultismo na poesia de Fernando Pessoa*. São Paulo 22 outubro 1966. Suplemento Literário.
- CRUZ, Malpique, *Fernando Pessoa novelo, embrulhado para o lado de dentro*. Porto Liv. Ofí. 1967.